

ENTRE MARIA MADALENA E GABRIELA LEITE: DIFERENTES MODOS DE NOMEAÇÃO DE MULHERES NA PROSTITUIÇÃO

Luciana Codognoto da Silva¹
William Siqueira Peres²

Resumo:

Esta pesquisa visa problematizar os significados e as particularidades presentes nos processos de subjetivação de mulheres adultas ligadas à prostituição em um pequeno centro urbano, localizado no interior do Estado de Mato Grosso do Sul - MS. Recorremos à abordagem qualitativa de pesquisa em Psicologia e como método a cartografia. Foram realizadas entrevistas de longa duração com 10 (dez) bio-mulheres – mulheres em termos biológicos, detentoras do órgão sexual feminino (PRECIADO, 2008) – que residissem e/ou trabalhassem no município pesquisado e de escolaridades, raças/cores e tempo de atuação variados na prostituição. A luz dos Estudos Culturais e da Teoria *Queer*, evidenciamos o emprego de distintas nomenclaturas por parte de nossas participantes, denotando importantes posições pessoais e disputas políticas dessas mulheres na sociedade e na própria prática da prostituição, bem como a desconstrução de uma identidade universal da mulher prostituta.

Palavras-Chave: Cartografias. Estudos *Queer*. Mulheres. Processos de Subjetivação. Prostituição Feminina Adulta.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está voltada ao estudo do cotidiano de mulheres que se prostituem em um município de pequeno porte populacional, situado na região sudeste do Estado de Mato Grosso do Sul – MS. Trata-se de uma típica cidade interiorana, localizada nos limites físicos das divisas dos Estados de São Paulo e Paraná, contando com um número populacional de 50.010 mil habitantes (IBGE, 2014). Destaca-se pelos elevados índices de crescimento econômico e como importante pólo de exportação pecuária para alguns países árabes e para a região Centro-Oeste do Brasil, além de apresentar um número significativo de territórios voltados às relações de sexo por dinheiro, ainda pouco publicizados nos debates acadêmicos.

¹ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, SP, Brasil. Psicóloga. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lupsico.codognoto@gmail.com

² Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pós-Doutorado em Psicologia e Estudos de Gênero pela Universidade de Buenos Aires, Argentina. Professor do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, SP, Brasil. E-mail: pereswilliam@gmail.com

Entendemos a prostituição de mulheres adultas como um movimento e/ou conjunto de forças culturais, econômicas, políticas, psicológicas e sociais que se entrecruzam em espaços e tempos determinados, tendo como finalidade principal a oferta de relações sexuais em troca de dinheiro. Na literatura científica, nos deparamos com uma infinidade de nomenclaturas para se referirem às mulheres na prostituição, desde “concubinas, meretrizes, damas da noite e acompanhantes” – que carregam significados mais afetuosos e menos sexuais – passando por “profissionais do sexo e trabalhadoras do sexo” – termos mais higienistas e de cunho comercial – até chegarmos às nomenclaturas “prostitutas e putas” – portadoras de um significado mais politizado, tendo como principal idealizadora de luta a famosa prostituta brasileira Gabriela Leite.

Estudos recentes evidenciam que, no Estado de Mato Grosso do Sul, o mercado do sexo tem apresentado um número significativo de mulheres adultas, principalmente em regiões de fronteiras e em rotas consideradas propícias ao narcotráfico, representadas pelas cidades de Corumbá e Ponta-Porã, respectivamente situadas nos limites dos países Brasil-Bolívia e Brasil-Paraguai. Ademais, municípios com importantes atrativos turísticos e pertencentes à região Pantaneira, dentre eles, Coxim e Bonito, têm se mostrado terrenos favoráveis para o estabelecimento e a disseminação do mercado sexual no Estado, conforme apontam as análises de Sanches (2007).

Municípios mais avançados em termos de industrialização e em número de habitantes – Três Lagoas, Campo Grande e Dourados – estão entre as principais cidades referenciadas pelas pesquisas acadêmicas no que se refere ao comércio sexual em Mato Grosso do Sul, conforme apontam os estudos de Sanches (2007) e Barbosa (2008). Trata-se, unanimemente, de pesquisas voltadas à prostituição feminina adulta em regiões de fronteiras, em instâncias turísticas e em grandes centros urbanos e que fazem referência às áreas da História, da Linguística, do Direito, da Saúde Pública e do Desenvolvimento Local e Regional, sendo evidenciado um número muito incipiente ou até mesmo a ausência de estudos produzidos sobre esta temática na área da Psicologia e/ou por pesquisadores/as com formação em Psicologia no Estado.

Partindo destes pressupostos, buscaremos com esta pesquisa abarcar os significados e as particularidades presentes nos processos de subjetivação de

mulheres que se prostituem em um pequeno centro urbano, localizado no interior do Estado de Mato Grosso do Sul - MS. Faremos isso através dos diferentes modos de nomeação (autodenominação) proferidos por nossas participantes, tomando como referências as suas atuações em bares, casas e ruas. Tivemos a preocupação entrevistar 10 (dez) mulheres adultas, ou melhor, bio-mulheres – mulheres em termos biológicos, detentoras do órgão sexual feminino (PRECIADO, 2008) – que residissem e/ou trabalhassem no município pesquisado, tendo como principais pressupostos teóricos os Estudos Culturais e a Teoria *Queer*.

2 MULHERES (IN)VISÍVEIS, MULHERES (IM)POSSÍVEIS: DESCONSTRUINDO A CULTURA IDENTITÁRIA

Em sua obra, *Sujeitos Nômades*, Braidotti (2009) nos apresenta a figura do nômade para pensarmos a ideia de processo em contraponto às questões limitadas impostas por uma identidade fixa. Para ela, trata-se de novas formas de figurações subjetivas, que intentam romper com as perspectivas convencionais e dualistas dos modelos identitários e com os velhos esquemas de pensamentos heteronormativos, histórica e socialmente construídos. Estas novas figurações apontam para a necessidade de novos projetos epistemológicos, baseados no nomadismo, em que as pessoas, sobretudo as mulheres, não sejam mais reduzidas a uma categoria biológica e essencialista.

Ao destacar que as subjetividades devem ser nômades em termos de pensamentos e de práticas psicossociais, a autora nos aponta a presença de uma visão não fixa e fragmentada do feminino, dando ênfase à posituação das diferenças, baseando-as em olhares rizomáticos, construídos a partir de uma perspectiva deleuziana. Assim, como crítica aos pressupostos das identidades e ao conceito de indivíduo, advém a necessidade de pensarmos em nossa pesquisa em “processos de subjetivação de mulheres que se prostituem”, problematizadas a partir da ideia de rizomas, transição/processo e nomadismos.

Em uma perspectiva deleuziana, o rizoma se refere a um sistema aberto, que se pauta nas circunstâncias, escapando dos essencialismos. Deleuze & Guatarri tomaram o termo rizoma emprestado da biologia para designar a conceituação de um sistema aberto e criador, que guarda questões ocultas em sua raiz. O modelo rizomático, segundo eles, não começa, nem conclui; ele se encontra sempre no

meio, entre as coisas, no intermezzo. Em *Mil Platôs I* (1995), os autores discorrem sobre a noção de rizoma enquanto maneira de explorar as multiplicidades, afirmando que as diferenças possibilitam o processo de criação, não limitando as novas possibilidades de agenciamentos.

Se o rizoma promulga os agenciamentos produzidos nos acontecimentos, ele não poderá ser concebido como uma estrutura definida, posto que assim levaria ao aprisionamento do sujeito que, ao contrário disso, se constitui sob diferentes formas a todo instante e que escapam de configurações previamente estabelecidas, o chamado devir. Afirmam Deleuze & Guatarri (1995) que não existe identidade e que é na repetição que o mundo estático cederá lugares ao dinâmico e o idêntico oferecerá espaço ao diferente. Em se tratando de uma dita identidade feminina, Preciado (2011) salienta que não poderemos problematizar a categoria mulheres como um grupo homogêneo e restrito de pessoas e tampouco conceber uma base natural que venha a legitimar a ação política da chamada naturalização da feminilidade e das sexualidades.

Importantes debates passaram a ser travados pelas teóricas pós-feministas, visando questionar as inúmeras verdades impostas por diferentes instâncias do saber normatizado – família, igreja, medicina, e tantos outros – aos ditos comportamentos estabelecidos às mulheres. Para as feministas estadunidenses e francesas, como Gayle Rubin, Monique Wittig e Judith Butler, o conceito singular de mulher, apregoadado pelo Movimento Feminista Patriarcal de 1960, cedeu lugar ao termo mulheres no plural – ao Feminismo da Diferença, de concepção pós-estruturalista – percebido não mais como produto inato, fechado e naturalizado, mas como construção sociocultural, instituída através dos tempos.

Nas palavras de Butler (2013), o termo mulher se apresenta de maneira problemática, até mesmo dentro do próprio Feminismo, na medida em que tem contribuído para o estabelecimento e a essencialização de uma determinada forma de ser mulher, o que, conseqüentemente, tem colaborado para deixar à margem diferentes vozes, experiências e processos de subjetivação de muitas delas. Segundo a autora, quando falamos ou tentamos definir o que é uma mulher, mesmo que no plural, aquilo que é usado para definir essa mesma mulher tende a ser reducionista e toma o detalhe como uma marca isolada e totalizadora. Em suma, para Butler (2013), aquilo que define uma mulher, certamente não é tudo o que ela

é. Da mesma forma, as mulheres ligadas à prática da prostituição, certamente, não poderíamos reduzi-las a uma totalização – ser apenas prostituta.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Em nosso estudo, recorreremos à abordagem qualitativa de pesquisa em Psicologia. A pesquisa qualitativa, segundo Gerhardt e Silveira (2009), se caracteriza pela não preocupação de uma representatividade numérica e pela não rigidez de um método específico e único de estudo. Ao contrário, ela visa o aprofundamento das discussões e problematizações a respeito da vida social, ao destacar que o desenvolvimento de uma pesquisa será sempre imprevisível. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa está voltada à realidade que não pode ser quantificável, centrando-se no estudo das dinâmicas das relações sociais, nas discussões e nas análises dos fenômenos particulares e na valorização do processo enquanto etapa mais importante de uma pesquisa.

Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, utilizamos, como método, a cartografia. Por meio dela, foi possível elucidar os pontos obscuros que permeavam o nosso campo de investigação, nos auxiliando a pensar o percurso da pesquisa de maneira processual e heterogênea a partir de dois importantes enfoques, como já salientado nas discussões propostas por Romagnoli (2009). O primeiro, ao atuar no âmbito metodológico – nos auxiliando a problematizar o percurso da pesquisa e o nosso trajeto metodológico enquanto produções constantes – e, o segundo, ao operar conceitualmente, através de novos olhares direcionados à prostituição feminina adulta em pequenos centros urbanos. A partir disso, propomos, a exemplo de Haraway (1995), privilegiar a contestação, a desconstrução e as conexões em rede, visando abarcar os saberes localizados em oposição às ideias dualistas de mente/corpo e natureza/cultura, ainda muito arraigadas no pensamento ocidental.

Inspirada nas ideias de Gilles Deleuze & Felix Guatarri (1995), a cartografia se caracteriza enquanto “estratégia de produção do conhecimento” (SILVA, 2005), “método de pesquisa-intervenção utilizado em pesquisas de campo voltadas aos estudos das subjetividades” (PASSOS, KASTRUP & ESCÓCIA, 2009) e como “crítica ao modelo tradicional de conceber as pesquisas de campo em Psicologia” (ZAMBENEDETTI & SILVA, 2011). Ademais, ela está voltada aos estudos das multiplicidades, relacionando-se com o que Deleuze & Guatarri (1995) denominaram

de rizoma – um sistema conceitual aberto, que não tem começo e nem fim, que está sempre no meio, no intermezzo. Daí a importância de pensarmos a cartografia enquanto contínua forma de fazer pesquisa, uma vez que ela visa romper com os chamados equilíbrios estabelecidos e com as leituras monótonas das realidades, passando a operar nos movimentos, nas processualidades e no campo das experimentações.

De acordo com Passos & Barros (2009, p. 17), a cartografia se caracteriza enquanto traçados de planos de experiências. Para os autores: “Realizar uma reversão no sentido tradicional de método – não mais caminhar para alcançar metas pré-fixadas, mas o primado que o caminhar traça, no percurso, suas metas” são tarefas importantes a serem realizadas pelo/a cartógrafo/a. Assim, quando pensamos nas questões que fazem referência à prostituição, podemos perceber a cartografia como inegável contribuição para a nossa pesquisa, posto que ela não se apresenta dirigida para metas pré-fixadas, mas procura conceber as pessoas envolvidas na ação da pesquisa como heterogêneas e em movimentos contínuos, sempre passíveis de novos agenciamentos e transformações.

Neste sentido, destacamos a realização de entrevistas de longa duração com 10 (dez) bio-mulheres adultas – mulheres em termos biológicos, detentoras do órgão sexual feminino (PRECIADO, 2008) – que residissem e/ou trabalhassem no município pesquisado. As entrevistas ocorreram entre os meses de maio e dezembro do ano de 2014, sendo gravadas por meio de um gravador de áudio e transcritas para a posterior aprovação das entrevistadas, visando à publicação integral/parcial de seus relatos, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE. Estiveram respaldadas em um roteiro previamente elaborado por nós, abarcando mais do que perguntas, ou seja, o que denominamos de “eixos disparadores”, possibilitando espaços para que nossas participantes pudessem falar em nome próprio.

As entrevistas foram realizadas individualmente e em locais indicados pelas participantes, de maneira que não ocasionasse nenhum tipo de desconforto ou prejuízo no âmbito do trabalho, da vida pessoal e da quebra de sigilo de quaisquer dados que as pudessem identificar. Tivemos a preocupação de entrevistar e realizar cartografias existenciais apenas com as bio-mulheres que estivessem diretamente ligadas à prostituição e que apresentassem distintas trajetórias de vida pessoal

(presença ou ausência de relações afetivas e/ou conjugais estáveis, filhos/as, graus de escolaridades diferenciados) e profissional (provedoras, coprovedoras de família, não provedoras, que apresentassem ou não outros trabalhos remunerados concomitantemente à atividade sexual comercial, tempo variado de atuação na prostituição), de diferentes idades, raças/cores e classes sociais, residentes e/ou que trabalhassem em bairros considerados periféricos e pobres e de classe média e alta da cidade.

Por fim, os nomes citados durante esta pesquisa foram escolhidos pelas próprias participantes, a partir de uma lista apresentada a elas, constando apenas títulos e significados de pedras preciosas. Esta lista serviu para dar visibilidade aos preciosos discursos e à riqueza de histórias contadas por elas. Ademais, optamos por não fazer referência direta ao nome do município onde ocorreu este estudo, uma vez que se trata de uma cidade interiorana, com uma população estimada de cinquenta mil habitantes (IBGE, 2014), dados relevantes que, se mencionados, poderiam colaborar para a identificação das entrevistadas e o respaldo ético de nosso estudo.

4 PROSTITUIÇÃO FEMININA ADULTA: REVISITANDO ALGUNS DEBATES

Historicamente, a prostituição de mulheres adultas sempre existiu nas mais diferentes sociedades e culturas, sendo denominada, coloquial e majoritariamente, de “a profissão mais antiga do mundo”. Assim, em um cenário de constantes transformações de ordem econômica, cultural e política, vemos o surgimento da imagem mais popularmente conhecida de “prostituta” para fazer alusão às mulheres desta antiga profissão em Roma, que ficavam em frente dos possíveis clientes, fazendo exibição do corpo a ser oferecido. Daí a insurgência do termo *prostituere*, em português, prostituir-se. Posteriormente, outras metáforas foram e algumas ainda continuam sendo utilizadas e perpetuadas para fazer referência às mulheres ligadas à prática sexual remunerada em diversos momentos históricos e contextos socioculturais.

Na Grécia, há relatos sobre as mulheres tocadoras de flautas e harpas, além das dançarinas que utilizavam das artes em geral para desencadear processos de sedução nos homens gregos. Mais tarde, evidenciamos os nomes de “concubinas” e “meretrizes” para se referirem às mulheres ligadas ao cenário da prostituição. Com o

advento do capitalismo, as corporalidades passaram a ser tratadas como cardápio a ser pago a cada gesto ou a cada parte dele utilizada na realização dos programas – como o beijo, o sexo sem preservativos, a realização de diferentes fantasias, entre outros. Neste contexto, termos, como "profissionais do sexo", passaram a ganhar maior expressão na mídia e em alguns estudos, como os de Olivar (2013), que voltaram olhares à prostituição feminina adulta enquanto profissão a ser regulamentada no Brasil.

Para pesquisadores ligados ao cenário cristão, representados, principalmente, pelas Pastorais Sociais vinculadas à Igreja Católica e aos Movimentos Evangélicos, o termo mais comumente utilizado para se referirem às mulheres que exercem atividades sexuais remuneradas no país tem sido "mulheres prostituídas", assim expresso nos estudos realizados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB (1995) e pela Pastoral de Apoio à Mulher da Região Sul (1998). Tais instâncias, de cunhos religiosos, percebem as mulheres inseridas na prática da prostituição como vítimas de um sistema social e econômico, ou ainda, como portadoras de distúrbios familiares e/ou de personalidades, não sendo passíveis de novos olhares e novas problematizações. Em suma, para estudiosos das vertentes cristãs, a prostituição seria uma forma de objetificação dos corpos das mulheres e uma importante maneira de vitimizar suas existências.

Outras vertentes, como àquelas utilizadas por Osborne (2004) e Piscitelli (2013), enfatizam os termos "trabalhadoras sexuais", "trabalhadoras do sexo" e "trabalhadoras do mercado sexual" para fazerem referência às mulheres espanholas e brasileiras em mercados transnacionais do sexo. Em formato histórico e a partir das chamadas leituras foucaultianas, Rago (1991) traz os termos "mulheres da noite" e "damas da noite" e, atualmente, presenciamos o surgimento de outras expressões, como "garotas de programa" e "acompanhantes", para se referirem às mulheres ligadas à prostituição em diferentes regiões do Brasil.

Gabriela Leite contrapõe o termo "profissionais do sexo", surgido com o advento do capitalismo, passando a denominar as mulheres ligadas ao cenário da prostituição de "putas", conforme podemos observar em seu depoimento, narrado em formato de livro por Marcia Zanelatto (2009). Nesta obra, são relatadas as experiências de Gabriela Leite no cenário da prostituição, abrangendo desde o início de seus encontros com os clientes até a criação da *Ong Davida*, com o propósito

político de chamar a atenção das pessoas para as questões envolvendo a prostituição, e, posteriormente, o momento de instituição da *Daspu*, em 2005, que tem se apresentado como importante grife de roupas específicas para o trabalho das mulheres por ela denominadas de “prostitutas” ou de “putas”. Trata-se de importantes acontecimentos que permitiram a visibilidade e a obtenção, ainda que tênues, de direitos sociais e políticos das mulheres em situação de vulnerabilidades e marginalidades no país.

É importante observarmos a existência de particularidades e de diferentes formas de expressão/nomeação da prostituição de mulheres adultas na literatura científica, as quais, também, mostram-se refletidas em nosso campo de investigação. Mesmo estando a existir em diversos contextos históricos e sociais, passando por movimentos, rupturas e permanências de suas características ao longo das relações de tempo-espaço, é necessário clarificar que o campo geográfico/geopolítico retratado durante esta pesquisa se trata de um pequeno centro urbano, com práticas e costumes considerados interioranos, além de estar circunscrito em um estado brasileiro com recente desmembramento e emancipação político-administrativa, fatores que, unanimemente, nos levaram a considerar as especificidades de conhecimentos e de produções locais de subjetividade de nossas participantes.

Durante diferentes momentos de realização das entrevistas e mapeamento dos locais que visitamos, deixamos espaços para que nossas entrevistadas pudessem descrever suas vivências e suas práticas no âmbito das relações de sexo por dinheiro. Nestes diversos momentos, perguntamos a elas como se definiam “enquanto mulheres no contexto da prostituição”, objetivando dar liberdade para que pudessem nos relatar suas experiências e, acima de tudo, de podermos desconstruir quaisquer indícios de homogeneização de suas existências. Logo, passamos por muitas inquietações a respeito de como “nomearíamos as participantes de nossa pesquisa” a partir da literatura científica anteriormente apresentada. Após importantes períodos de reflexão, chegamos à conclusão de que não poderíamos cair na armadilha reducionista e de cunho identitário, voltada a nomear e a enquadrar as mulheres, que, justamente, se destacam pelas resistências a quaisquer binarismos e generalizações, até mesmo dentro da própria prostituição,

conforme elas mesmas nos apontaram nos dados que compõem as suas cartografias existenciais.

5 ENTRE MARIA MADALENA E GABRIELA LEITE: DIFERENTES MODOS DE (NÃO) NOMEAÇÃO DE MULHERES NA PROSTITUIÇÃO

Problematizamos as histórias narradas por nossas participantes, partindo das leituras críticas e opostas de Maria Madalena e Gabriela Leite, as quais denotam cargas semânticas paradoxais de a “santa/puta”, a “limpa/pura” e a “suja/impura”. A partir delas, ousamos afirmar a existência de tantas outras possibilidades de vida dentro da prostituição, que não se restringem apenas às imagens de vítimas ou de promíscuas. Primeiramente, começamos pelas histórias de Rubi (32), que se denominou “acompanhante” e “garota de programa”, uma mulher que estava em busca do amor, uma sonhadora e romântica, que buscava um companheiro para, posteriormente, vir a casar-se. Apesar de em momentos anteriores ter vivenciado importantes desilusões amorosas, nunca desistiu de encontrar o que ela denominava ser o seu príncipe encantado.

Rubi se permitia sentir prazeres durante a realização dos programas, ainda que fossem apenas com os clientes em que ela desenvolvia relações de maior proximidade, confiança e afeto, conforme observamos em seu relato:

Eu trabalho aqui, mas eu sou mulher! Aí, você pega um homem, para falar o português claro, que te pega e te vira do avesso, que te traz, em uma hora, muito mais que os cem reais que ele te deu, que te realiza como mulher (RUBI, 32 anos. Entrevista realizada em 21 de junho de 2014).

Alguns destes relacionamentos pagos chegaram a tonar-se amorosos: uns se transformaram em desilusões e episódios de violências, enquanto outros refletiram momentos de extrema alegria e prazer. Para Rubi, além da conquista do sonho da casa própria e do sustento financeiro, a prostituição atuava como local de encontros e vivências concomitantes de amores, prazeres, desilusões e novas ilusões. Uma mulher que se entregava às paixões, uma nômade sentimental e envolvida pelo ideal de amor romântico, assim sustentado por Giddens (1993).

Cristal (29) também se definiu “garota de programa”. Dizia, abertamente, ser uma “garota de programa”, porque ficava, em troca de dinheiro, com homens que se sentia atraída afetiva e/ou sexualmente. O fator “cobrança”, após cada “ficada”, era uma forma de sair por cima da relação com os homens machistas. Para ela, a

maioria dos homens da cidade falava mal das mulheres depois de uma saída e que, se viesse a cobrar por isso, pelo menos, além de difamada, poderia obter algum lucro financeiro. E quando menos percebeu, se viu fazendo programas, e, gostando.

Ao longo da pesquisa, percebemos que a denominação “prostituta” foi a mais usada por nossas entrevistadas para se referirem ao trabalho que desenvolviam na prostituição no município, como Safira (49) e Esmeralda (30). Somando-se a elas, surgiram as histórias de Jade (23) que, no início de seu trabalho na prostituição no município, se definia “garota de programa”, momento em que realizava apenas programas nas redondezas de seu bairro, contando como pagamento o consumo de drogas e uma aparência física mais básica e cotidiana. Após entrar em contato com novas amigas e ambientes mais requintados, Jade passou a se denominar “prostituta”, diferenciando-se do período em que atuava na prostituição de rua apenas para dar manutenção ao vício da droga.

Notamos, nos relatos de Jade, importante diferenciação dos termos “garota de programa”, também usado por Rubi e Cristal, e “prostituta”. Segundo ela, ser prostituta significava “sair do armário”, ser vista enquanto tal e participar de um grupo social de mulheres vinculadas a uma prática em comum – o sexo comercial. Implicava em ser notada, ainda que de forma não bem receptiva pelas pessoas, ter acesso a melhores remunerações e estar em contato com diferentes homens e outras mulheres, com as quais passou a repartir um espaço de trabalho mais luxuoso. Expandir horizontes implicava em manter certo *status* social, com melhores vestimentas e uso contínuo de maquiagens, bem como cumprir regras e buscar direitos dentro de uma prática tida como marginal. Em suma, para Jade, o termo “prostituta”, com toda carga semântica negativa e pejorativa que lhe era decorrente, atuava como um importante posicionamento pessoal e político em sua atuação profissional.

Ao longo do nosso trajeto de pesquisa, nos deparamos com duas mulheres que expressaram dificuldades para se nomearem dentro da prática sexual remunerada. Ágata (40) e Ametista (31) descreveram que, respectivamente, o bar e a rua eram seus espaços de trabalho e nada mais. Apesar de observarmos diferentes realidades de vida e de trabalho nos relatos destas duas mulheres, o “nomear-se” era um fator muito difícil para elas. Ágata contou que sua atuação na prostituição representava uma forma de vício, do qual não conseguia se libertar. Na

realidade, percebemos que espaço do bar operava como importante território de socialização, de troca de afetos e de estabelecimento de amizades entre ela e as demais garotas, um tipo de sociabilidade muito específica, construída a partir da prostituição, segundo bem afirmou Russo (2006).

Já Ametista foi uma das duas entrevistadas desta pesquisa que atuava na chamada prostituição de rua. Com uma história rica, contou que estava na prostituição apenas para dar manutenção ao vício da droga. Seu propósito era claro: realizar programas e receber dinheiro para comprar a droga. Estava em tratamento psicológico e psiquiátrico para deixar o vício e os programas aconteciam esporadicamente, a partir do momento em que ela sentia, realmente, a necessidade de consumir o *crack*. Não tendo um trabalho e uma renda financeira, a prostituição atuava como sua única fonte de renda, não só para o consumo de substâncias consideradas tóxicas, como também para outras demandas pessoais. Segundo ela, a prostituição não era a sua maior preocupação. Sua maior ferida era realizar programas para uma finalidade que destruía, aos poucos, a sua vida. Além disso, estar na prostituição a fazia lembrar de seu último relacionamento amoroso, em que seu ex-companheiro a obrigava a se prostituir em troca de vantagens pessoal para ele, prática também conhecida como cafetinagem.

“Acompanhantes”, “garotas de programa” e “prostitutas” – termos descritos por grande parte de nossas entrevistadas – e a não nomeação das atividades desenvolvidas por outras (02) duas participantes se juntaram a novas expressões, retratadas por Ônix e Pérola Negra, últimas mulheres que entrevistamos e que compuseram o quadro de 10 (dez) participantes desta pesquisa. Estas últimas nos relataram dois nomes, um tanto exóticos, para se referirem às atividades que desenvolviam no âmbito da prostituição local: Ônix gostava de ser tratada como “vendedora de ilusões”, enquanto que, Pérola Negra preferia ser chamada de “substituta”. Esses fatores nos fazem pensar em uma negação da prostituição enquanto parte real de suas vidas e uma forma de se mostrarem diferentes, por isso, a utilização de outros nomes – distintos, por sinal – em um espaço permeado por marginalidades e universalidades.

Podemos perceber estes aspectos em dois momentos das falas que compuseram as narrativas de histórias de vida de nossa última participante, Pérola Negra. Primeiramente, ao dizer que: “*Eu não sou prostituta, só sou uma substituta!*”

Eu só substituo a mulher deles. Eu sou substituta, prostituta não! Eu não me acho prostituta". Logo em seguida, ao justificar a sua fala, alegando que prostitutas seriam:

Essas meninhas que dão de graça: elas sim, eu não! Eu sou substituta! O que ele [o cliente] não tem em casa, vem procurar na rua. Tem muitas mulheres que são ignorantes em casa, que brigam com o marido. Aqui o que mais vem são homens casados. Então, a gente substitui o carinho delas: já que não sabem dar, a gente sabe! (PÉROLA NEGRA, 23 anos. Entrevista realizada em 20 de outubro de 2014).

Em ambos os relatos, observamos a presença de aspectos negativos atribuídos ao termo "prostituta". Para Pérola Negra, "prostitutas" seriam as "mulheres de rua", ou melhor, àquelas que não praticavam sexo com fins lucrativos e/ou comerciais; as mulheres que apenas "ficavam" com os homens durante momentos transitórios e/ou sem quaisquer outros vínculos posteriores ou compensatórios. Em contrapartida, ela, enquanto substituta, seria responsável por conferir aos homens/clientes momentos de carinho, diálogo e diversão. O termo "substituta" denota uma forma de aproximação dos padrões heteronormativos de união afetiva e sexual, enquanto que ser "prostituta" representa a mulher promíscua e de vida fácil. Estes aspectos, apesar de contemplar importantes rupturas das ditas sexualidades e feminilidades hegemônicas, mostram-se associados à ideia de que uma "boa mulher" seria aquela que bem sabe tratar os homens, seja no âmbito socialmente aceito da família, seja no (im)permitido espaço dos bares.

O estudo realizado por Guimarães & Merchán-Hamann (2005) nos possibilita pensar nas histórias vividas e relatadas por outra participante, Ônix (18), que se denominou "vendedora de ilusões". As autoras defendem a ideia de que as "mulheres prostitutas" estão voltadas à realização de fantasias eróticas de seus clientes, pressuposto também compartilhado por Gabriela Leite, ao destacar, no trecho de sua obra, assim intitulado de "Fantasias, um antídoto", que seus clientes mais conhecidos eram àqueles que apresentavam fetiches mais incomuns, até mesmo para as mulheres "prostitutas" ou "putas". Para ela, as fantasias eram uma espécie de "mistérios dos desejos" (LEITE, 2009, p. 69). Neste sentido, podemos dizer que o binômio presença/realização de fantasias se caracteriza como um importante elemento em todo o universo da prostituição feminina adulta.

Em nossa pesquisa, tal elemento ficou ainda mais evidente a partir da nomeação de Ônix como "vendedora de ilusões". Mais do que vender relações

sexuais, a presença de ilusão, fantasia e fetiche passa a fazer parte deste mundo que muitos denominam, equivocadamente, de antros de perdição. Porém, a ilusão, como bem definiu Ônix, permanecia somente nas relações com os clientes, sempre direcionada por/para ele. Em outras palavras, a realização de fantasias seria um fator comum por parte dos clientes e não por nossas participantes. Entre as fantasias mais comuns estavam a relação sexual sem o uso de preservativos – quase sempre não atendida por elas, exceto em casos excepcionais, como a relação afetiva mais próxima com determinados clientes ou um melhor pagamento por esta prática – e a mais atendida, o sexo a três – resumindo-se em um terceiro participando do ato sexual apenas com olhares.

Os termos que utilizam para fazerem referência as suas atuações na prostituição trazem um pouco da história de vida de cada uma delas. Notamos, nestas diferentes nomeações, que vão desde “acompanhantes” – entendidas a partir de um ideal de amor romântico – passando pelos termos “prostitutas” e “garotas de programas”, até àquelas mais exóticas – “vendedora de ilusões” e “substituta” –, que cada uma delas traz, em suas etimologias, histórias vividas e narradas e movimentos realizados por cada uma dessas mulheres na prostituição. Por isso, ousamos afirmar que cada experiência, apesar de apresentar traços em comum, se difere uma da outra. São vidas singulares, dotadas de diferentes passagens; são múltiplas e, ao mesmo tempo, únicas e com riquezas paradoxais.

Os relatos de nossas entrevistadas fazem referência direta ao modo como estão sendo construídas/subjetivadas as suas vidas a partir das experiências na prostituição em um pequeno centro urbano. Algumas delas, como Rubi, se estabelecem a partir de um ideal de amor romântico; outras, como Ágata e Ametista, nem se quer conseguem se denominar; e, Ônix e Pérola Negra, passam a atribuir significados diferentes às suas relações cotidianas que envolvem muito mais que o sexo por dinheiro. Podemos dizer que se trata de contextos, movimentos, práticas e mulheres *Queer*: inomináveis, singulares e não voltados a um ideal uníssono de feminilidade, até mesmo dentro dos limites da prostituição, local onde se acreditava ser um contexto permeado por generalidades e perversidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, podemos perceber que os modos de nomeação utilizados por mulheres ligadas à prostituição em um pequeno centro urbano atuam como efeitos de estratégias/dispositivos de poderes, que carregam semânticas de exclusões, interdições, negações, resistências e afirmações produzidas pelos discursos, potencializados por demandas culturais e sociais e negociações políticas. Os nomes em si remetem a expressões de não identidades, denotando importantes posições pessoais e disputas políticas dessas mulheres na sociedade – geral e local –; formas diferentes de se nomearem, ou ainda, de não se nomearem na prostituição, um contexto onde se acreditava, equivocadamente, ser habitado por generalidades.

Em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler (2013) tece fortes críticas às teorias fundamentalistas que, por muito tempo, sustentaram a ideia de uma identidade comum e universal para as mulheres. Em contraponto, ela alega que: “Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2013, p. 20). Daí advém a decisão de não nomearmos as participantes desta pesquisa a partir de uma literatura científica, mas deixarmos que elas mesmas se definissem no contexto da prostituição. Isso também é uma tarefa *Queer*. Implica em fugir das normatizações e nomeações impostas por/em uma determinada sociedade com matrizes heteronormativas obrigatórias. Significa estar aberto a tantas outras possibilidades de existências, sem se prenderem a uma identidade fixa e universal.

Por fim, afirmamos que estes nomes ou modos de nomeação, ao mesmo tempo em que carregam posições pessoais e subjetivas, são também efeitos de um discurso interiorano, com suas especificidades e significações. São mulheres múltiplas, plurais, polifônicas e, concomitantemente, singulares. Logo, a ideia de uma identidade singular e histórica/socialmente construída sobre as mulheres na prostituição passa a ser questionada nesta pesquisa, uma vez que nega o direito de muitas delas escreverem suas próprias experiências e expressar suas diferentes vozes em múltiplos contextos culturais, históricos e sociais, que não mais compactuem com quaisquer desigualdades.

IN BETWEEN MARIA MADALENA AND GABRIELA LEITE: DIFFERENT WOMEN PROSTITUTION APPOINTMENT MODES

Abstract:

This research aims to discuss the meanings and characteristics present in the subjective processes of adult women linked to prostitution in a small urban center located in the state of Mato Grosso do Sul - MS. We resorted to qualitative research in psychology and to cartography as a method. Long interviews were conducted with ten (10) bio-women - women in biological terms, women with a female sexual organ (PRECIADO, 2008) - which resided and/or worked in the surveyed municipality, but varied in educational background, race/color and time dedicated to prostitution. Through Cultural Studies and Queer Theory, we noted the use of different classifications by our participants, revealing important personal positions and political struggles of these women in society and in the very practice of prostitution, as well as the deconstruction of a universal identity of the prostitute woman.

Keywords: Cartography. Queer Studies. Women. Subjectivity Processes. Adult Female Prostitution.

ENTRE MARÍA MADALENA Y GABRIELA LEITE: DIFERENTES MODOS DE DESIGNACIÓN DE MUJERES EN LA PROSTITUCIÓN

Resumen:

Esta investigación tiene como objetivo discutir los significados y las características presentes en los procesos subjetivos de las mujeres adultas vinculadas a la prostitución de un pequeño centro urbano, que se encuentra en el estado de Mato Grosso do Sul - MS. Hemos recurrido a la investigación cualitativa en psicología y como método la cartografía. Se llevaron a cabo entrevistas de larga duración con diez (10) bio-mujeres - mujeres en términos biológicos, que sostiene el órgano sexual femenino (PRECIADO, 2008) -, que residen y/o trabajasen en el municipio investigado y nivel educativo, raza/color y variados tiempos de ejercicio de actividades en la prostitución. A la luz de los estudios culturales y la teoría *Queer*, observamos el uso de diferentes nomenclaturas por parte de las participantes, revelando importantes posiciones personales y las luchas políticas de estas mujeres en la sociedad y en el ejercicio de la prostitución, así como la deconstrucción de una identidad universal de la mujer prostituta.

Palabras Clave: Cartografía. Estudios Queer. Mujeres. Procesos de Subjetividad. Prostitución Femenina Adulta.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Romilda Meira de Souza. **Garota de programa: acontecimento discursivo**. 2008. 112p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.

Boletim da Pastoral de Apoio à Mulher da Região Sul. **Mulher da vida é preciso falar. (Boletim)**. Lajes. n.47, jan/abr. 1998.

BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos nômades**. Barcelona: Gedisa, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CNBB – Setor Pastoral Social. **O grito dos excluídos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denilse Tolfo. (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

GUIMARÃES, Katia; MÉRCHAN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.13, n.3, p. 525-544, set/dez. 2005.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. **Cadernos Pagu**. Campinas, v.5, p. 07-41. 1995.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Nota 1: Estimativas da população residente nos Municípios de Mato Grosso do Sul, com data de**

referência 1º de julho de 2014 publicada no Diário Oficial da União em 28/08/2014. Brasília/DF, 2014.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta – em depoimento a Marcia Zanelatto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

OSBORNE, Raquel (Org). **Trabajador@s del sexo**: derechos, migraciones y tráfico em siglo XXI. Barcelona: Bellaterra, 2004.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PRECIADO, Beatriz. **TESTO Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.19, n.01, p. 11-20, jan/abr. 2011.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 21, n.2, p. 166-173. 2009.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações na prostituição**. 2006. 278p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SANCHES, Silvana Colombelli Parra. **Envelhecimento e saúde das profissionais do sexo em Mato Grosso do Sul**. 2007.151p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.

SILVA, Rosane Neves da. **A invenção da psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 23, n.03, p. 452-461. 2011.

Artigo:

Recebido em 20 de Janeiro de 2016

Aceito em 25 de Julho de 2016